

#cm
2
QUINTA-FEIRA



Gloria aos Céus... e às telas

'Sexa', que marca a estreia da estrela de 'Se Eu Fosse Você' na **direção de longas-metragens**, chega ao circuito com status de **'filme delicinha'**. Quem nos conta sobre este **candidato a blockbuster** e passa a limpo a trajetória da diva nas telas é o **nossa crítica Rodrigo Fonseca**. **PÁGINAS 2 E 3**



Helena (Gloria) e Cláudio (Tony Ramos) em 'Se Eu Fosse Você'



'O Quatrilho' concorreu ao Oscar em 1996

As múltiplas faces (e fases) de uma estrela

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Festreia mais inesperada do rol de artistas que debutaram na direção em 2025, Gloria Pires se firma como cineasta, em "Sexo", que entra em cartaz nesta quinta, em meio às comemorações dos 20 anos de uma franquia à qual a comédia brasileira deve um "Muito obrigado!" até hoje: "Se Eu Fosse Você". Ali pela reta final de 2005, na virada do Natal para o Ano Novo, Daniel Filho resolveu levar às telas a saga de um casal que trocava de consciência.

A professora de Canto Hele na tinha sua mente deslocada para o corpo do marido, o publicitário Cláudio, e a mente dele ia parar no corpo dela. A causa: uma confluência astral no cosmos. A consequência: graças à química de Gloria, no papel de Helena, e de Tony Ramos, como Cláudio, um dos maiores fenômenos comerciais audiovisuais do país - com 3,6 milhões de pagantes - ganhou telas... e continuação. A parte dois estreou em 2009 e vendeu 6,1 milhões de ingressos. A parte três, com direção de Anita Barboza, estreia ano que vem. Gloria estará lá, mesmo não sendo a protagonista. Seu nome dá sorte.

"Sexo" terá sessão especial esta noite no Estação Net Gávea, às 20h30, com a presença da diretora e protagonista, da escritora e antropóloga Mirian Goldenberg



Isabel Filardis tem um de seus melhores desempenhos contracenando com (e sendo dirigida por) Gloria Pires em 'Sexo'

e mediação da crítica de cinema e doutora em Literatura Janda Montenegro. Espera-se um bocado dessa trama, mas Gloria sempre entrega o que as redes exibidoras almejam.

"Eu acho que a escuta é um

dom, e no cinema é essencial escutar, porque ninguém faz nada sozinho", explicou Gloria Pires, ao Correio da Manhã, na Mostra de São Paulo. "Tive a sorte de ter um set harmonioso, em que todos se sentiam donos do filme. As mulheres da equipe também eram donas do seu pedaço, e isso fez a diferença para superarmos tantos desafios. Estou em quase 90% do filme, mas abrir espaço para todos contribuírem foi um gesto fundamental."

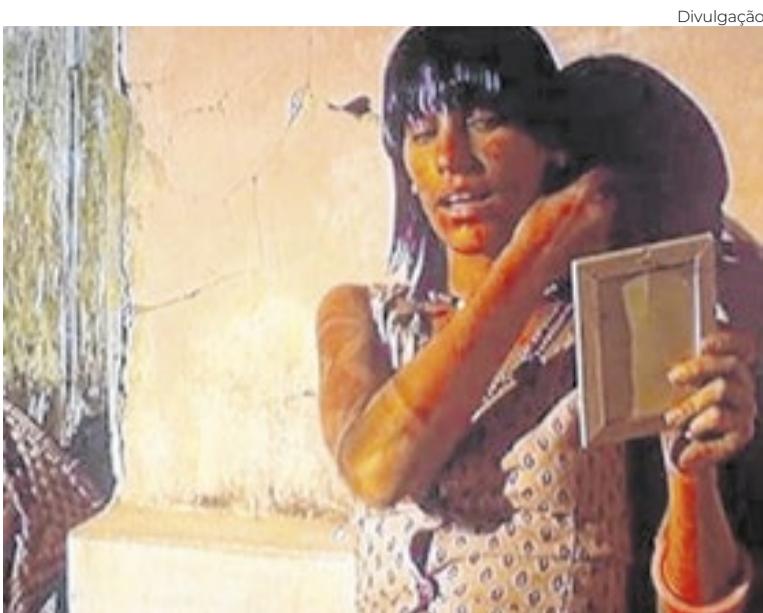
Em 1996, quando o cinema do

Brasil, paralisado nos anos Collor, com a quebra da Embrafilme, viveu a Retomada, ela brilhou no planisfério cinéfilo à frente de "O Quatrilho", que assegurou uma indicação ao Oscar ao país. Estatísticas oficiais da Ancine e do portal Filme B registram que essa produção, ambientada no Sul do país, vendeu 1,1 milhão de entradas à época. Não levou muito tempo até ela aparecer com destaque em outros êxitos, como o cult lírico "Pequeno Dicionário Amoroso" (1997) e a dramédia "A Partilha" (2001), que somou 1,4 milhões de tíquetes vendidos. Ali, sua parceria com Daniel Filho seguiu fluida, com direito a meio milhão de pagantes para "Primo Basílio", de 2007. Dois anos depois, apareceu na pele de Dona Lindu, mãe do nosso atual presidente, em "Lula, O Filho do Brasil", com Rui Ricardo Dias. O longa abriu o Festival de Brasília, gerou polêmica, mas envelheceu com frescor.

Antes da Retomada, Gloria viu



'Nise' venceu o Festival de Tóquio e rendeu prêmio japonês para sua estrela



'Índia, a Filha do Sol' teve projeção na Quinzena de Cannes, em 1982



A atriz com Paulo Miklos em 'É Proibido Fumar', de Anna Muylaert, consagrado com um balde de Candangos no Festival de Brasília

“Estou em quase 90% do filme, mas abrir espaço para todos contribuírem foi um gesto fundamental”

GLORIA PIRES



Glória vive uma consumidora compulsiva na comédia 'Desapega', de Hsu Chien



Glória com Miranda Otto em 'Flores Raras', que passou pela Berlinale

seu rosto ser projetado com pompas nas telonas da Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes, em 1982, em "Índia, a Filha do Sol", sob a direção de Fábio Barreto (1957-2019), seu parceiro em muitos títulos, inclusive "O Quatrilho". Voltou a aparecer na Croisette em 1984, no épico "Memórias do Cárcere", que assegurou o Prêmio da Crítica a Nelson Pereira dos Santos (1928-2018) e vendeu 1.113.125 ingressos. Em 1989, foi Sandra em "Jorge, Um Brasileiro" (1989), que correu

estradas planeta adentro, com Dean Stockwell (1936-2021) na boleia.

Ali pelo fim dos anos 2000, Glória teve uma sinergia criativa preciosa com Anna Muylaert em "É Proibido Fumar" (2009), vencedor com pompa e circunstância do Festival de Brasília. Marola alguma embaça o desempenho da atriz nessa produção. Na sequência, em 2013, foi a vez de ela comover a Berlinale, em solo alemão, com "Flores Raras", de Bruno Barreto, contracenando com a australiana Miranda Otto,

a Eowyn de "O Senhor dos Anéis". Viveu a arquiteta Lota de Macedo Soares (1910-1967).

Há dez anos, Glória emprestou seu talento ao delicado "Nise", de Roberto Berliner, que venceu o prêmio do júri popular do Festival do Rio, ao narrar a cruzada contra a brutalidade manicomial da Dra. Nise da Silveira (1905-1999). O longa ganhou o Festival de Tóquio, no Japão, e deu à atriz uma lâurea nipônica de melhor interpretação.

Quando o Brasil ainda expecto-



ção a diálogos -, apoiada apenas no fato de marcar a estreia de Glória na direção de longas. É um fato, em si, atraente, sabendo-se que estamos falando de uma atriz que é um sintagma vivo de Brasil, capaz de falar com muitas classes sociais, quicando bem do melodrama à comédia, com saltos do drama realista, sempre com eficácia. Fez jus à ladainha do "cinema é a maior diversão", mas, de quebra, faz a gente pensar... e sentir. Não à toa, seu primeiro longa como realizadora saiu da maratona paulistana com o status de "filme delinchinha".

Escrito por Guilherme Gonzalez, com colaboração de Bianca Lenti e da própria Glória, "Sexa" é uma crônica de costumes das boas, com clima "Sessão da Tarde" até quando propõe o balanço de angústias geracionais - em relação ao amor romântico e ao amor maternal - de mulheres na casa dos 60. A fotografia dionisíaca de Kika Cunha calça plasticamente o script com um colorido quente, sem extrapolar as CNTPs do gênero, sem dar uma de Almodóvar.

O bate-bola de frases do elenco é rico, mas há uma riqueza igualmente valiosa na direção de arte de Mônica Delfino que calça conversões, desabafos, transas e DRs que sempre mantêm o pé no chão, com atenção ao real, sem alienações. É mais "Malu Mulher" do que "Sex and the City". Não há deslumbres, há alianças.

Tudo se desenha a partir do "sacode" que a vida dá em Bárbara, uma revisora de livros, fã da literatura de Clarice Lispector, que, ao chegar aos 60 anos, enfrenta uma série de mudanças bruscas. Glória encara esse papel com o garbo de sempre. Torna crível (e universal) o engasgo da personagem diante das cobranças do filho músico esquerdo-macho. Nas falas inesquecíveis, chama-se quem "sessentou" de integrante do "clã das cicatrizes". Fala-se de rugas como "marcas de combate", numa pensata de Rosamaria Murtinho, que esbanja sabedoria numa participação luxuosa.

A figura vivida por Rosamaria ajuda Bárbara a conjugar o verbo "amar" na desinência da leveza, diante de sua coqueluche frente ao técnico de Informática viúvo (porém 25 anos mais jovem) chamado Davi (um papel defendido com afínco por Thiago Martins). O boyzinho mexe com seu miocárdio, mas ela teme conflitos intergeracionais, teme abandonos (que não virão). Nessa trupe cheia de graça, destaque ainda uma Isabel Filardis fiscando de carisma em seu trabalho como Cristina, vizinha e amiga n.1 da protagonista. Outro show vem de Eri Johnson, como o pai todo pimpão de Davi. Esse povo todo encontra seu jeito de solar, mas também de dividir a bola com elegância, numa partida em que Glória vence todo e qualquer marasmo.

Que filme de novo logo... depressa.



Varang (Oona Chaplin) em 'Avatar: Fogo e Cinzas'. O povo Na'Vi continua a inspirar a imaginação de James Cameron

Encouraçado

James Cameron

Aos 71 anos, o diretor de 'Titanic', criador de 'O Exterminador do Futuro', pode revolucionar o cinema mais uma vez ao lançar a terceira parte de seu bilionário 'Avatar'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Indicado ao Globo de Ouro de Melhor Canção ("Dream As One", de Miley Cyrus) e de Melhor Blockbuster, "Avatar: Fogo e Cinzas" estreia no próximo dia 17 no Brasil – e em boa parte do planeta – com a promessa de repetir os feitos de seus antecessores. O primeiro, lançado em 2009, custou US\$ 237 milhões e faturou US\$ 2,9 bilhões, disparando como a maior bilheteria mundial da História. Soma a seu rol de vitórias 89 prêmios, entre os quais o Oscar de Melhor Fotografia, o de Melhor Direção de Arte e o de Efeitos Visuais. Sua continuação, "O Caminho da Água", lançada em 2022, faturou US\$ 2,3 bilhões. É a terceira maior receita cinematográfica de todos os tempos, atrás só do



Divulgação

"No revisionismo histórico de seus filmes, cineastas sempre encontrarão erros, mas tenho orgulho das histórias que contei. O que me move a filmar é poder garantir ao espectador uma experiência sensorial nova"

JAMES CAMERON

original e de "Vingadores: Ultimato" (2019).

A parte três explora a Lua de Pandora e seu povo, a civilização Na'vi, a partir do que 12 meses depois do longa anterior, trazendo de volta (dos mortos) o militar assassino Quaritch (Stephen Lang), a fim de eliminar a família Sully, formada pelo ex-humano (sim, ele troca seu corpo terráqueo para virar um na'vi) Jake (Sam Worthington), sua companheira, Neytiri (Zoe Saldaña), e seus filhos.

Um ano após se estabelecerem com o Clã Metkayina, a família de Jake e Neytiri lida com o luto após a morte de Neteyam (Jeremy Irvin). Eventualmente, eles encontram uma nova e agressiva tribo Na'vi, o Povo das Cinzas, liderada pela feroz Varang (Oona Chaplin, neta de Carlitos), que se aliou ao inimigo de Jake, Quaritch, enquanto o conflito em Pandora se intensifica com consequências devastadoras.

Passamos para um novo nível de complexidade com o novo fil-

me, introduzindo o Povo das Cinzas, mas também porque tivemos esse evento trágico no segundo filme, a morte do filho mais velho (de Neytiri e Sully)", disse Cameron em um evento online, organizado para os votos da Golden Globe Foundation. "Achei que era muito, muito importante dar uma base ao filme, porque ele é tão fantástico visualmente. Quero dizer, fantástico no sentido de fantasia. Fantasmagoria, certo? Para fundamentar o filme em respostas humanas autênticas

a coisas como, você sabe, trauma, perda, luto e assim por diante. Sinto que o cinema comercial tende a ignorar essas coisas. Normalmente, quando alguém morre em um filme, é aquilo... a esposa morre e o marido entra em um frenesi assassino, e todos nós celebramos essa violência pelas próximas duas horas. Não acho que o cinema comercial lida com isso de forma honesta e autêntica. E eu tive muitas perdas na minha vida pessoal nos últimos 10 anos, mais ou menos. E o luto não acaba assim. Não é um gatilho para simplesmente seguir em frente".

As digressões metafísicas de Cameron sugere que a saga terá múltiplas inquietações espirituais e ecológicas. Hoje com 71 anos, ele não lança nada inédito, como realizador, fora da saga "Avatar", há 16 anos, quando apresentou Jake e Neytiri ao mundo. Tudo o que ele filma bagunça as normas de Hollywood e altera a nossa percepção estética acerca do uso da tecnologia em prol da imagem - na ficção e no documentário. Desde sua estreia na profissão, com o curta "Xenogenesis", ele filmou apenas 14 longas. Relativize esse "apenas" ao incluir "Titanic" (ganhador de 11 Oscars em 1998), com sua bilheteria de US\$ 2,2 bilhões entre seus feitos. Aliás, foi ele o criador da franquia "O Exterminador do Futuro".

"No revisionismo histórico de seus filmes, cineastas sempre encontrarão erros, mas tenho orgulho das histórias que contei. O que me move a filmar é poder garantir ao espectador uma experiência sensorial nova", disse Cameron em meio à produção do novo "Avatar", no fim da Berlinale de 2017, quando apresentou uma versão digitalmente recauchutada do cultuado "O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final" (1991), via Facetime ao vivo com a plateia, na telona do espaço.

Sinônimo de milhões, mas de projetos engajados em causas ambientais, Cameron esteve no Brasil em 2010, visitando Belo Monte, no Pará, para estudar os riscos de sua usina hidrelétrica para o ecossistema. "Avatar" foi idealizado por ele para um tratado de preservação da Terra, a partir do cuidado com a Natureza. Ele traz uma reflexão sobre o futuro do mundo desde que estreou o primeiro "Exterminador...", em 1984, em forma de distopia apocalíptica. Em sua confecção, ele acreditou que um halterofilista conhecido nas telas por interpretar o herói de pulps Conan, o Bárbaro, pudesse virar um dos mais icônicos personagens do cinema de gênero pop. Foi ideia dele e de sua parceria, a produtora Gale Anne Hurd, convocar o ator austriaco naturalizado americano Arnold Schwarzenegger para encarnar o androide egresso do Amanhã.

Cameron prevê lançar "Avatar: The Tulkun Rider" e "Avatar: The Quest for Eywa" em 2029 e 2031, respectivamente.

Memórias atlânticas entre Recife e Nantes

Amaro Freitas apresenta no Blue Note Rio seu projeto 'Espelho/Miroir', criação inédita que une músicos brasileiros e franceses

AFFONSO NUNES

Nome ascenção na cena jazzística, Amaro Freitas apresenta nesta quinta-feira (11), às 20h e 22h30, no Blue Note Rio, seu mais novo projeto: o quarteto "Espelho/Miroir", um encontro entre músicos brasileiros e franceses.

O projeto integra a programação da temporada França-Brasil 2025, iniciativa diplomática que celebra dois séculos de relações bilaterais entre os países e convoca memórias submersas, ancestralidades negadas e travessias que ainda ecoam nas águas que ligam os dois continentes, em particular as cidades portuárias Nantes (França) e Recife.

A formação reúne Amaro ao piano, o saxofonista e flautista pernambucano Henrique Albino, a vocalista francesa Marie-Pascale Dubé e o contrabaixista também francês Joachim Florent. Tanto



Amaro Freitas reúne músicos do Recife e de Nantes em seu mais novo projeto

Recife quanto Nantes foram portas de entrada e saída do tráfico negreiro, cidades que construíram parte de sua riqueza sobre o comércio de vidas humanas.

Dono de linguagem musical própria ao incorporar elementos da

música popular brasileira, ritmos afro-pernambucanos e estruturas harmônicas complexas, Amaro expande horizontes nesse encontro com os músicos franceses.

Nascido em 1991 no Recife, ele começou a tocar piano aos 12 anos, orientado pelo pai, líder de uma banda evangélica. O ambiente religioso foi sua primeira escola, mas o talento logo transbordou os limites dos cultos. Formado

em Produção Fonográfica pelo Conservatório Pernambucano de Música, Amaro dividiu os estudos com apresentações em restaurantes, churrascarias e no lendário piano bar Mingus, onde conheceu o baixista Jean Elton e o baterista Hugo Medeiros — parceiros de trio que o acompanham desde então.

Seu álbum de estreia, "Sangue Negro", de 2016, ampliou

sua projeção para além de Pernambuco, levando-o a vencer o Prêmio MIMO Instrumental no mesmo ano e a se apresentar em palcos importantes como o Sesc Pompeia, no festival Sesc Jazz. Foi o início de uma escalada que ganharia dimensão internacional em 2018, quando assinou com o selo londrino Far Out Recordings e lançou "Rasif", álbum elogiado em publicações especializadas como DownBeat, All About Jazz e Jazz Magazine, abrindo portas para festivais na Argentina, Inglaterra e outros países.

Em 2020, gravou o EP "Existe Amor" ao lado de Milton Nascimento e Criolo. O álbum "Y'Y", lançado em março de 2024 em parceria com o selo estadunidense Psychic Hotline consolidou sua escalada global. O trabalho recebeu críticas elogiosas, foi eleito Melhor Álbum de Música Instrumental no Prêmio da Música Brasileira, além de receber o prêmio de Álbum do Ano pela APCA. A turnê mundial de "Y'Y" incluiu apresentações em alguns dos festivais mais prestigiados do planeta: Newport Jazz Festival, Blue Note Festival em Tóquio, North Sea Jazz Festival em Roterdã e Rock in Rio no Brasil. Com uma média de 96 concertos anuais, Amaro encerra o ano preparando um novo projeto em parceria com Criolo e Dino D'Santiago, com circulação prevista para 2026.

SERVIÇO

ESPELHO/MIROIR – AMARO FREITAS QUARTETO
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 - Copacabana)
11/12, às 20h e 22h30
Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Abayomi recebe Ney Matogrosso

O Festival Audio Rebel 20 Anos segue nesta quinta-feira (11) no Circo Voador com apresentação da Abayomy Afrobeat Orquestra e um convidado pra lá de especial: Ney Matogrosso. A abertura fica por conta das Flautas Herméticas — Andrea Ernest, Carlos Malta, Eduardo Neves e Aline Gonçalves — com Bernardo Ramos na guitarra, interpretando obras de Hermeto Pascoal. Portões abrem às 20h.



Projeto une MPB, pop e psicodelia

O projeto Talvez Seja Só Eu, formado por Bruno Benzaquem e André Luiz, apresenta seu segundo álbum "Não Me Deixam Em Paz" nesta quinta (11), às 20h, na Áudio Rebel, em Botafogo. O disco, lançado em novembro, traz faixas que transitam entre MPB, pop e elementos psicodélicos. O projeto tem colaboradores eventuais e consolida o trabalho autoral de Benzaquem, que também é produtor musical.



ENTREVISTA | RUBEM BARBOZA FILHO

FILÓSOFO, CIENTISTA POLÍTICO E PROFESSOR DA UFJF

‘Ouro Preto é uma figuração de um processo de autoinvenção de um povo’

Divulgação



ALDO TAVARES | Especial para o Correio da Manhã

Ouando meus olhos entraram pela primeira vez no caudaloso rio “Sinfonia Barroca: o Brasil que o povo inventou”, não eram mais os mesmos na última página. Uma entrevista, pedi. “Só se for em Ouro Preto”, respondeu-me o autor. Pela Ateliê de Humanidades, o mineiro Rubem Barboza Filho publicou linhas em que o terceiro excluído é a história brasileira, compreendendo esse terceiro como o terceiro elemento que retorna incluído em “Sinfonia Barroca”.

Rubem tece sintaxes simples que aprofundam a superfície, levando quem o lê a negar o dualismo histórico brasileiro ao som desta sinfonia, que, ao admitir a presença do terceiro elemento, comprehende a importância do princípio da contradição na formação brasileira, princípio negado pela filosofia identitária de Aristóteles, por isso o terceiro excluído aristotélico ou o princípio da não contradição. Em minha biblioteca, ao lado de Gilberto Freyre, está Rubem Barboza Filho, que, às 10h, marcou a entrevista na rua do Aleijadinho, em na histórica cidade mineira.

Rubem estava à espera, por que em Ouro Preto?

Rubem Barboza Filho - Porque a cidade representa bem o que quero dizer em Sinfonia Barroca. Andemos por ela.

Por qual razão Ouro Preto representa aquilo que

sas, ao longo destes séculos.

A que cidades você se refere e que características seriam essas?

Recife, Olinda, Salvador, Rio de Janeiro e a então pequena São Paulo preservaram a condição de centros políticos e/ou econômicos, recriando-se como centros urbanos em consonância com a dinâmica dos vários ciclos de “modernização”. Após a autonomia política, Ouro Preto crispou-se em monumento. Evidentemente nenhuma cidade permanece imóvel, mas Ouro Preto, ao abandonar-se como capital da província, conseguiu manter a sua estrutura urbana, arquitetônica e visual do século XVIII, vazada numa concepção nitidamente barroca de uma forma de vida em comum. Essa igreja, belíssima obra de Aleijadinho (Igreja de São Francisco de Assis) é Ouro Preto, cidade que nos permite ainda hoje decifrar a experiência de construção por homens e mulheres comuns e contra-

você quer dizer com “Sinfonia Barroca”?

Ouro Preto possui algumas características que singularizam diante das outras cidades dos nossos três primeiros séculos. Ela é uma figuração magnífica de um processo de autoinvenção de um povo, com suas socialidades diver-

a política extrativista e particularista da Coroa, de um modo de vida original, autonomista, social e economicamente produtiva, abrigando uma socialidade democrática e barroca. Ela é um resumo de um aprendizado realizado nos séculos anteriores.

Pode desenvolver esse raciocínio?

Ouro Preto não obedeceu à tradição urbanística portuguesa, não nasceu de famílias patriarcas, não se formou como expressão do poder da Coroa e nem das ordens religiosas, mas foi imaginada e construída por homens e mulheres comuns, uma multidão em busca de ouro e diamantes que progressivamente se organiza em cidade, em pólis, valendo-se do Barroco como um método de criação de formas de vida em comum.

Assim como Ouro Preto, seu livro se refere à sociabilidade barroca...

Sim, a sociabilidade barroca nega a oposição entre os diferentes, abrindo as várias tradições existentes para a constituição de um vasto processo de mestiçagem como um fato biocultural. Um processo que pode ser encontrado na invenção do nosso português brasileiro ou num catolicismo plástico e popular, que acolhia a contribuição de indígenas e africanos, sem a presença de uma “conversão” excluente e paulina. Como acontecia em Ouro Preto.

Então você mistura os contrários, assim como a estética da igreja...

Digo que o barroco brasileiro não persegue a história como a sucessão de sínteses racionais entre tese e antítese, mas se desdobra como forma de vida rizomática.

Rizoma? Por quê?

Bom, não sou discípulo de Deleuze, como hoje é muito comum; não faço, no livro, nenhuma análise exaustiva do seu pensamento, valendo-me sobre tudo de A Dobra, onde ele trata do barroco. Uso o conceito deleuziano de rizoma, no contexto histórico dos nossos três primeiros séculos, para fugir dos limites de uma “história” contada do ponto de vista estruturalista e finalista dos grandes modelos europeus, que supõe uma unicidade da aventura humana, derivada de uma única raiz. Mas acentuo, com Édouard Glissant, que este conceito só me serve se estas raízes diversas estiverem abertas ao outro, ao diferente, como propõe o Barroco, que é “relação”, que confere dinâmica de mestiçagem a encontros entre formas de vida.

“Uso o conceito deleuziano de rizoma para fugir dos limites de uma “história” contada do ponto de vista estruturalista e finalista dos grandes modelos europeus”



As bandeiras democráticas erguidas por Henfil nos anos de chumbo são apresentadas ao público infantojuvenil através de suas tirinhas em 'Chuva na Caatinga'

Para lembrar Henfil

Espetáculo 'Chuva na Caatinga' adapta tirinhas do cartunista para o palco, fazendo de seu humor crítico ferramenta poética de esperança

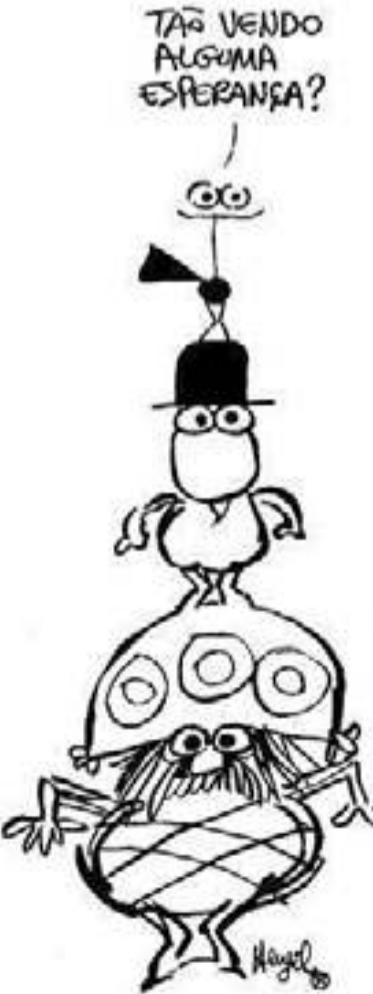
AMultifoco Companhia de Teatro completa 15 anos de trajetória com "Chuva na Caatinga", primeiro espetáculo infantojuvenil do grupo. Em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), a montagem realiza uma livre adaptação das tirinhas do cartunista Henfil, transformando o universo gráfico do artista numa experiência que dialoga com crianças e adultos sobre temas urgentes como desigualdade social, fome e a necessidade de esperançar - bandeiras historicamente defendidas por Henfil.

O espetáculo parte de uma provocação: como transpor para o palco o humor ácido e a crítica social de Henfil, criadas sob censura da ditadura militar, mantendo a potência política sem perder a leveza necessária para atingir o público infantil? E a resposta veio através de uma costura dramatúrgica que mistura tirinhas selecionadas, textos de outras fontes e criação autoral. Clarissa Menezes, idealizadora da mon-

tagem e atriz do espetáculo, explica que o processo começou com uma tirinha específica que se tornou o fio condutor de toda a história. "A amizade entre uma ave, um cangaceiro e um bode, bem como suas personalidades e aventuras, parece ser mais facilmente entendida pelas crianças. Houve, então, um processo de pesquisa e seleção de quais tirinhas seriam utilizadas e uma costura que também misturou outros textos e criação autoral para o que atendesse melhor a encenação", conta.

Em cena, três personagens emblemáticos do universo henfiliiano conduzem a narrativa: Graúna, a pequena ave de forte personalidade; Zeferina, a ingênua cangaceira; e Francisco Orelana, o bode intelectualizado. Juntos, eles empreendem uma jornada em busca de algo precioso e cada vez mais raro: o sentimento de esperança. Pelo caminho, enfrentam a fome, a seca e os desafios da convivência, descobrindo que a força coletiva é agente das mudanças.

Viviane Pereira, atriz e funda-



dora da companhia, vê na Caatinga de Henfil algo além da paisagem. "A Caatinga é metáfora para falar da desigualdade social, da fome, seca e da opressão que assolam o nosso país. O pano de fundo da peça é a busca pela esperança, é dizer que essa luta pela dignidade e pela 'chuva' é uma pauta que pertence a todas e todos os brasileiros, e que 'quando a gente acredita no outro, na outra, a amizade vira força. E a força vira luta coletiva por um mundo melhor', afirma, citando trecho do texto assinado por Clarisse Menezes e Ricardo Rocha.

A transposição do universo bidimensional das tirinhas para a tridimensionalidade do palco exigiu escolhas estéticas precisas. A direção, assinada por Ricardo Rocha e Diogo Nunes, abre mão do realismo em favor de uma linguagem corporal que evoca a estética dos quadrinhos, do desenho animado. "Abandonamos o realismo, que não se relaciona com a estética dos quadrinhos e do desenho animado, para rabiscar novos quadros na tela da cena. Performamos a temática da peça com gestos, posturas, manipulações do cenário e formas corporais que nascem do olhar atento aos traços de Henfil", detalha Palu Felipe, diretor de movimento.

Bárbara Abi-Rihan, atriz e também fundadora do grupo, identifica nas ferramentas da palhaçaria, da comédia física e das acrobacias – marca registrada da Multifoco – os caminhos para transpor o tom henfiliano ao palco. "Henfil publica sua obra num contexto de Brasil marcado pela censura, onde a graça e a ironia eram artifícios fundamentais para que se pudesse falar do que era pungente naquele momento e tentar passar batido pela repressão,

o que era um feito hercúleo. Ao decidir apresentar sua obra no palco para um público de menos idade, viemos buscando quais linguagens nos ajudam a transpor o tom do Henfil para a cena", analisa.

Nascido Henrique de Souza Filho, o mineiro Henfil iniciou a carreira em 1964. Trabalhou em veículos como "O Pasquim", "Jornal do Brasil", "Estadão", "O Globo" e revista "O Cruzeiro", consolidando-se como uma das vozes mais contundentes da resistência cultural durante a ditadura militar. Hemofílico, foi um dos primeiros brasileiros a contrair o HIV e sucumbir com Aids, doença que também levaria seus irmãos, o sociólogo Hernert de Souza, o Betinho, e o músico e compositor Francisco Mário.

Trazer suas criações para o teatro infantojuvenil é, segundo a produtora executiva Fernanda Xavier, é um ato político de renovação. "Esperançar" é o verbo que guia a narrativa, um lembrete de que, mesmo em tempos de secura, ainda há sonho, movimento e possibilidade. Inspirado nas potências da infância, o espetáculo nos convida a revisitar o olhar puro e curioso que enxerga o mundo com possibilidades infinitas. Mais do que esperar a esperança, o espetáculo fala sobre agir, caminhar e acreditar. Porque quando se sonha em companhia, tudo floresce mais fácil", comenta.

SERVIÇO

CHUVA NA CAATINGA

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)
Até 1/2/2026, com interrupção entre 22/12 e 16/1, sábados e domingos (16h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Ordem e caos na urbe

Coletiva 'Da Beleza ao Caos - a cidade que habita em nós' reúne 34 artistas no Museu Histórico da Cidade com homenagem a Lia do Rio



mosaico, onde o belo e o caótico se complementam, revelando que cada extremo é também parte essencial do outro.

A temática atravessa diversas expressões culturais ao longo do tempo: da música, como em "Rio 40 Graus", de Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer, ao cinema, com o documentário "Neville D'Almeida – Cronista da Beleza e do Caos"; da literatura, em "A Beleza do Caos", de Thales Amaral, ao teatro, na obra homônima de Nelson Baskerville. Em todos esses casos, emerge uma narrativa que revela os movimentos íntimos e coletivos da vida urbana, onde serenidade e inquietação coexistem como forças complementares.

AFFONSO NUNES

OMuseu Histórico da Cidade abre neste sábado (13) a exposição "Da Beleza ao Caos - a cidade que habita em nós", que convida o público a pensar na cidade como um espaço vivo, afetivo e em constante transformação. Inspirada pela ideia de que "a cidade não é apenas um espaço físico, mas uma força de relações", como afirma o escritor moçambicano Mia Couto. A mostra reúne trabalhos que exploram a tensão e a harmonia entre ordem e desordem, encanto e turbulência, memória e cotidiano.

Ao percorrer o conjunto expositivo, independentemente dos suportes e técnicas utilizados, o visitante experimenta múltiplas vertentes que compõem o convívio humano: identidade, pertencimento, aprendizagem, memória e transformação. Os diálogos visuais se entrelaçam como um grande



Das obras em exposição emerge uma narrativa que revela os movimentos íntimos e coletivos da vida urbana, onde serenidade e inquietação coexistem e se complementam

Participam da mostra, que tem Lia do Rio como homenageada, 34 artistas. Além da exposição, haverá uma video-performance sonora com os artistas André Sheik, Luiz Badia e Osvaldo Carvalho, que criam trilhas sonoras ao vivo para imagens de videoarte desenvolvidas por Badia. As obras mesclam pintura e filmagens, resultando numa imersão sensorial que usa paisagens da natureza projetadas em vídeo, sonorizadas ao vivo pela banda através de sintetizadores, pianos, guitarras e percussão eletrônica.

Como afirma o curador Osvaldo Carvalho em seu texto, "ao observar cada um dos trabalhos que compõem a mostra, independentemente da escolha técnica, somos levados a contemplar as múltiplas vertentes que cercam nossa percepção e entendimento daquilo que chamamos convívio, essência do desenvolvimento humano".

SERVIÇO

DA BELEZA E DO CAOS - A CIDADE QUE HABITA

EM NÓS

Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (Estrada Santa Marinha, s/nº, Gávea) | Abertura: 13/12, das 11h às 16h | Visitação até 8/2/2026, de terça a domingo (9h às 16h) | Entrada franca